

AQUISIÇÃO DA VOZ PASSIVA POR APRENDENTES CHINESES DE PORTUGUÊS LÍNGUA SEGUNDA

Qunying Li¹, Cristina Flores²

¹Guangzhou Xinhua University

² Universidade do Minho

Resumo

A voz passiva é uma categoria verbal cuja aquisição plena suscita muitas dificuldades aos aprendentes chineses. O presente trabalho pretende estudar a interlíngua de 24 aprendentes tardios chineses cuja primeira língua (L1) é o mandarim, com nível de proficiência básico de português, a fim de descobrir se e de que forma é que ocorre transferência da L1 a nível sintático no processo de aquisição de português, língua segunda (PL2). Foram realizadas duas tarefas linguísticas, uma tarefa de juízo de gramaticalidade com correção e outra de tradução de chinês para português, através das quais concluímos que: i) se verifica, de facto, transferência negativa persistente da L1 tanto no domínio da formação da forma passiva como no domínio sintático da sua ocorrência; ii) em termos da sua formação, a interlíngua dos aprendentes chineses mostra uma aquisição incompleta verificada através da omissão do verbo auxiliar “*ser*”, que não tem correspondência em chinês; iii) quanto à construção tópico-comentário e de outras particularidades sintáticas, os aprendentes demonstram mais falhas a nível sintático, apesar de terem intuições consistentes acerca do uso da passiva; iv)

¹ ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9838-8055>; Email: fionali1992@163.com

² ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5629-9556>; Email: cflores@ilch.uminho.pt

os marcadores passivos em chinês como “*bei*” podem evocar o uso da passiva em português, resultando assim em transferência positiva da L1.

Palavras-chave: voz passiva; construção de topicalização; português língua segunda; aprendentes chineses

Abstract

The passive voice is a verbal category whose full acquisition raises many difficulties for Chinese speakers, whose first language (L1) is Mandarin. The present work intends to study the interlanguage of 24 Chinese late learners of Portuguese with a low proficiency level, in order to find out if and in what way L1 transfer occurs at the syntactic level during the process of second language (L2) acquisition. Hence, two linguistic tasks, a grammaticality judgment task with correction and a Chinese to Portuguese translation task, were conducted, which allows to conclude that: i) there is persistent negative transfer of the L1 both in passive formation as in the syntactic domain; ii) the Chinese learners' interlanguage shows an incomplete acquisition verified through the omission of the auxiliary verb “*ser*”, which does not exist in Chinese; iii) as for the topic constructions and other syntactic particularities, the learners demonstrate more failures at the syntactic level, in spite of having consistent awareness about the use of the passive; iv) Chinese passive markers such as “*bei*” can evoke the use of passive in Portuguese, thus resulting in positive transfer from the L1.

Keywords: passive voice; topicalization construction; Portuguese as second language; Chinese learners

1. Introdução

Enquanto processo essencial da aquisição de uma segunda língua (L2), a transferência linguística tem sido um tema muito debatido na área de estudo da aquisição de L2 (Ellis, 1994; Odlin, 1989), por ser um processo cognitivo complexo e condicionado por vários fatores. Vários autores têm-se dedicado ao estudo da transferência linguística sob várias perspectivas, tendo levantado vários problemas teóricos e práticos. Uma definição de transferência amplamente aceite é a de Odlin (1989, 27), segundo o qual “Transferência é a influência resultante das semelhanças e diferenças entre a língua-alvo e qualquer outra língua previamente adquirida”. Deste modo, o estudo da transferência depende muito da análise comparada entre os diferentes sistemas linguísticos, facto já constatado nos anos 50 por Lado (1957). Nesta linha de ideias, um dos objetivos mais importantes do presente trabalho consistem em, através de uma análise comparada, tentar descobrir em que condições e de que forma é que ocorre a transferência da língua materna (L1) no processo de aquisição da voz passiva portuguesa por aprendentes chineses.

Conforme Oliveira (2004), as gramáticas normativas mencionam mais a forma em vez de o uso da voz passiva, deixando assim equívocos em termos de contextos de ocorrência da voz passiva, o que poderá determinar pouca ocorrência nas produções dos aprendentes chineses.

Além disso, a passiva portuguesa é relativamente mais complexa do que a passiva chinesa, pela existência da flexão morfológica, que não existe no mandarim, uma língua analítica. Portanto, a passiva chinesa, sobretudo se pensarmos nas passivas sem marcador passivo, é menos marcada comparando com a passiva portuguesa. Por esta razão, e

seguindo Ellis (1986), espera-se uma maior probabilidade de ocorrência da transferência da L1 para a L2.

Outro fator que possivelmente resultaria em transferência da L1 reside nas diferenças tipológicas entre as duas línguas. Vários autores (Li & Thompson, 1976) afirmam que o chinês é uma língua tópico-proeminente, estabelecendo uma relação tópico-comentário (TC), enquanto o português é uma língua sujeito-proeminente (Duarte, 2003; Duarte, 2013b). Por isso, a construção TC é essencial na sintaxe chinesa (Xu, 2001), enquanto a construção sujeito-predicado forma um núcleo da sintaxe portuguesa (Duarte, 2003). Visto que as construções de TC são mais produtivas em chinês, o presente trabalho pretende estudar como é que a relação tópico-comentário na sintaxe chinesa influencia a aquisição da passiva portuguesa, de modo a contribuir para o ensino e estudo do português língua segunda (PL2), em particular no contexto chinês.

2. Quadro Teórico

2.1 Transferência

A teoria de transferência foi introduzida na aquisição da L2 por Lado (1957), e ocorre quando se encontra influências resultantes da L1 do aprendente ou de qualquer outra língua adquirida. Essas influências podem facilitar ou dificultar a aquisição da L2, dependendo do grau de semelhança entre as duas línguas (Selinker, 1969). O juízo consciente ou inconsciente dos aprendentes sobre as construções da L1 e da língua-alvo pode resultar na transferência positiva e negativa da L1, porque o tal juízo é variável. Para além disso, de acordo com Ellis (1994) e Odlin (1989), os diferentes comportamentos

linguísticos entre a L1 e a língua-alvo podem ser divididos em quatro tipos: *over-use*, *under-use*, *mal-form* e outros erros.

Por sua vez, James (1998) divide os erros linguísticos em erros interlinguísticos e intralinguísticos. Os erros intralinguísticos provêm da inferência negativa causada pelas contradições na mesma língua. Por sua vez, os erros interlinguísticos resultam das diferenças entre a língua materna e a língua-alvo, da aplicação inadequada de uma certa regra ou estrutura da língua materna na língua-alvo, sendo, por norma, fruto da transferência negativa da L1.

2.2 Características gerais das construções de Tópico e de Sujeito

De acordo com Li e Thompson (1976), a língua tópico-proeminente apresenta a relação tópico-comentário na formação das orações, porém na língua sujeito-proeminente (SP), a construção das orações descreve-se como sujeito-predicado. Em termos gerais, as construções de TCs predominam em chinês, e as de SP predominam em português. No entanto, nos últimos anos, cada vez mais autores (Li & Zhang, 2015) salientam que em chinês, a frequência do uso das TCs é proporcional ao grau de formalidade do discurso. Por sua vez, em português, também é comum encontrar construções de TCs, sobretudo na fala oral, embora seja menos frequente. Duarte *et al* (2013b) dividem as construções de topicalização em três categorias: tópico pendente, deslocação à esquerda, topicalização. Segue aqui um exemplo da deslocação à esquerda:

1) *Ao João, a Maria também lhe telefonou.* (Duarte, 2013b, p.413)

João, Maria ye geita da dianhua le.

‘João Maria também para ele telefonou.’

É fácil perceber que a ordem de formação da oração 1) em chinês corresponde à ordem da deslocação à esquerda em português. No entanto, também se verificam diferenças, pelas restrições de natureza prosódica em português, uma frase como “? *Esse livro, lemos.*” não seria aceite em português, i.e., o comentário não se apresenta com um léxico único, pelo que seriam aceitáveis frases como “*Esse livro, já lemos/não lemos.*” (Duarte *et al*, 2013b), mas em chinês, todas as frases acima listadas são aceitáveis.

É importante considerar ainda que, de acordo com Li e Thompson (1976), nas línguas de tópico, a passivação não é tão frequente como nas línguas de sujeito, sendo até considerada uma estrutura periférica, porque nas línguas de tópico-proeminente, o tópico, em vez do sujeito, é que desempenha a função mais importante na formação da oração. Qualquer sintagma nominal pode funcionar como tópico da oração, sem a exigência da concordância obrigatória entre o tópico e o verbo da sentença-comentário, por exemplo:

2) *Zhe ge wenti, zhouyi jiejie le.*

Este (classificador) problema, segunda-feira resolver (marca do aspeto perfeito)

‘Este problema foi resolvido na segunda-feira.’

2.3 A passiva em português

A gramática tradicional refere, em geral, três modalidades da voz passiva portuguesa: a passiva nominal, a passiva adjetival e a passiva pronominal. O presente estudo analisa apenas a passiva nominal, cuja forma e significação são ambas passivas. A razão dessa escolha sustenta-se nas seguintes assunções:

a. De acordo com Camacho (2003), as construções passivas indicam sempre a realização do evento ou um processo verbal. A passiva adjetival é expressa pelo verbo auxiliar “*estar, ficar, ir, vir*” e o particípio passado (*p.p.*) do verbo principal que é, de facto, um adjetivo. Nessa medida, a passiva adjetival deve ser classificada como construção de voz adjetiva e não de voz passiva, por exemplo: “*O ladrão está preso.*”

b. A passiva pronominal, normalmente, tem o verbo como primeiro constituinte para a tematização do processo e o sujeito realizado segue, em regra, o verbo, como por exemplo: “*Não se vê o mar neste quarto.*” Conforme Hawad (2004), a passiva pronominal é raramente usada com agente da passiva. Além disso, é fácil encontrar casos em que a passiva pronominal é interpretada como “*se*” indeterminador em vez de “*se*” apassivador (Duarte, 2013a). A oração “*Construiu-se um novo complexo desportivo*” é, a título ilustrativo, uma oração que permite duas interpretações: “*Foi construído um novo complexo desportivo.*” ou “*(as pessoas) Construíram um novo complexo desportivo.*”, em que não existe um limite definido entre o “*se*” indeterminador e o “*se*” apassivador (Ye, 2010).

Conforme a descrição tradicional, a perífrase da voz passiva nominal é formada com o verbo auxiliar “*ser*” e o particípio passado do verbo transitivo direto, precedendo sempre o sujeito lexicalmente realizado para o efeito de tematização. Conforme Duarte *et al* (2013a), na maioria das passivas de “*ser*” não se apresenta o agente, que, caso seja realizado, fica posposto ao verbo e é encabeçado pela preposição “*por*”: “*O livro foi estragado pelo menino*”, ou às vezes, pela preposição “*de*”: “*O mundo é composto de mudança*”.

Em relação ao uso da passiva portuguesa, Duarte (2013a) ressaltou que a escolha entre a ativa e a passiva depende do grau de topicidade dos argumentos agente e paciente,

ou seja, da perspectiva do falante, desempenhando assim funções comunicativas distintas. A passiva nominal é usada nos seguintes casos:

- a. Quando o paciente possui um maior grau de topicidade do que o agente, isto é, quando a informação é transmitida do ponto de vista do paciente (Frutado da Cunha, 2000);
- b. Nos textos escritos apresentam mais passivas do que os textos falados (Frutado da Cunha, 2000), nas situações de fala mais formais também se encontra mais passiva.

2.4 A passiva em mandarim

De acordo com Wang (2004), a voz em chinês apresenta a relação entre o predicativo e o argumento, e reflete essencialmente a perspectiva cognitiva do falante perante certo evento. As construções passivas podem ser classificadas em prototípicas e não-prototípicas, pela presença ou ausência do marcador passivo “*bei*”, cuja função é a de marcar o estatuto do paciente do SN na posição de sujeito (McEnery & Xiao, 2005). Por sua vez, muitos autores também distinguem entre passivas longas (com agente da passiva) e curtas (sem agente da passiva, mas mantendo “*bei*”) (McEnery & Xiao, 2005).

A passiva prototípica é lexicalmente realizada pelo marcador passivo “*bei*” (significa “*sofrer*”, “*sustentar*”) que, na linguagem coloquial, pode ser substituída por “*jiao*”, “*rang*” e “*ge*” ou até pela locução “*wei...su*”, entre outras, pelo que também é designada como “passiva marcada” (Lu, 2004). O sujeito da oração, anteposto a “*bei*”, é o paciente da ação, por sua vez, o argumento, posposto a “*bei*”, é o agente, cuja presença é opcional. A estrutura da passiva prototípica está apresentada abaixo:

a. Passiva com a presença do agente (passiva longa): Sintagma nominal/Paciente + *bei*

+ sintagma nominal (Agente) + v.:

3) *Ta bei jingcha konyu le.*

ele (marcador passivo) polícia deter (marca do aspeto perfeito)

'Ele é detido pelo polícia'.

b. Passiva sem a presença do agente (passiva curta): Sintagma nominal/Paciente + *bei*

+ v.:

4) *Ta bei konyu le.*

ele (marcador passivo) deter (marca do aspeto perfeito)

'Ele foi detido'.

Apesar de haver em mandarim várias construções da passiva com marcadores de passiva, na verdade, os chineses, sobretudo na linguagem informal, preferem, muitas vezes, construções sem marcadores de passiva, trata-se de passivas não-prototípicas ou “não-marcadas” (Lu, 2004), isto é, de forma passiva implícita, mas com significação passiva, o que se pode verificar nas diferentes realizações seguintes:

c. Passiva sem marcador de passiva nem agente: Sintagma nominal-Paciente (Tópico)

+ v.:

5) *Deng dakai le.*

Lu_z ligar (marca do aspeto perfeito).

'A lu_z foi ligada'.

d. Passiva sem marcador de passiva, mas com agente: Sintagma nominal-Paciente

(Tópico) + sintagma nominal (Agente) + v.:

6) *Na san ge xiaotou jingcha zhuazhu le.*

Aquele três (classificador) ladrão polícia apanhar (marca do aspeto perfeito).

'Aqueles três ladrões, a polícia apanhou./ Aqueles três ladrões foram apanhados pela polícia.'

De acordo com Lu (2003), o uso da passiva não prototípica em chinês corresponde às seguintes condições:

- a. O paciente é determinado para os interlocutores;
- b. O verbo predicado não pode ser um verbo intransitivo;
- c. O paciente não pode ser expresso por meio de pronomes pessoais.

Na verdade, a passiva não-marcada é uma questão que tem suscitado muita discussão entre os linguistas chineses, pela falta dum padrão morfológico para a passiva em mandarim (Lu, 2004). Há autores que defendem que as passivas não-marcadas são, de facto, “unmarked patient-subject sentence” (Lu, 2004), enquanto outros autores vêem-nas como construções de TC (Shi, 2000). No entanto, em termos pragmáticos, ambos admitem que o SN na posição inicial da oração, ou seja, o paciente, é o tópico, pelo que há autores que concluíram que a passiva não-marcada não é passiva no sentido estrito (McEnery & Xiao, 2005).

2.5 Comparação entre a passiva chinesa e portuguesa

Como referido acima, a passiva prototípica chinesa é caracterizada pelo marcador passivo “*bei*”, que é frequentemente vista como a evidência de que a construção da passiva “*bei*” é, em certo grau, equivalente à passiva portuguesa. No âmbito concetual, ambas são formadas pela realização de um evento na perspetiva do paciente em vez do agente.

Estruturalmente, o agente pode ser suprimido pela ocultação deliberada do agente, pela indeterminação do sujeito ou simplesmente pelo facto de ser óbvio o agente (Oliveira, 2004). No entanto, também existem algumas diferenças:

a. Em português, o sujeito da oração passiva é o paciente da ação, no entanto, em chinês, o sujeito da oração é, de facto, o tópico, podendo assim, representar tanto o agente como o paciente. A língua chinesa aproveita, por vezes, a ordem de palavras para expressar a passiva, e o sujeito da passiva chinesa é frequentemente relacionado com o tópico da oração e não com o agente da ação verbal. Além disso, em português o verbo auxiliar “*ser*” não pode ser omitido, exigindo a flexão morfológica, o que não se verifica em chinês.

b. A passiva chinesa pode ser marcada diretamente pela presença dos marcadores passivos ou não exibir nenhuma marcação da passiva (Han, 2000). A forma passiva carrega semanticamente uma característica de "algo indesejável", por isso está associada a ações como *roubar*, *atropelar*, *matar* etc. (Xiong, 2003).

c. Vale a pena destacar que, entre os dois tipos de passiva não prototípica em chinês, a ordenação da passiva sem marcador passivo, mas, com agente, como ilustrado no exemplo (6), coincide com a construção de topicalização sem clítico em português: “*Aqueles três ladrões, a polícia apanhou.*”, na qual o complemento direto foi deslocado para o início da oração, originando uma oração ativa com o objeto direto deslocado para a posição de tópico. Neste caso, superficialmente, a ordem das palavras é idêntica nas duas línguas, contudo, em mandarim temos uma frase passiva, mas em português uma frase ativa.

3. Hipóteses

(1) Uma vez que a passiva em mandarim não é totalmente equivalente à passiva portuguesa, sobretudo no caso da passiva sem marcador de passiva nem agente, que não é aceitável em português (*c.f.* exemplo 5 em cima), espera-se a transferência negativa da língua materna na produção da passiva portuguesa.

(2) Por sua vez, já que existem marcadores passivos em chinês e em português, essa aparente sobreposição pode levar à ocorrência de transferência positiva neste âmbito.

(3) Os aprendentes chineses de português L2 tendem a ser influenciados pela construção de tópico-comentário, sendo assim, o sintagma nominal na posição inicial de uma oração passiva em português seria possivelmente interpretado como um tópico em vez de um sujeito que atua como argumento paciente.

(4) Mesmo que tenham a consciência de que uma oração em português com a posição do sujeito ocupado por argumento não agente deve ser apassivada, tal consciência do uso da passiva não garante que os informantes rejeitem todos os desvios em todos os casos.

4. Metodologia

Os participantes são aprendentes tardios de português língua segunda que estudam português através de instrução formal há dois anos e seis meses numa universidade chinesa. Todos os informantes participaram em duas tarefas, sendo a primeira uma Tarefa de Tradução do Chinês para o Português (ITCP) e, a segunda, uma Tarefa de Juízo de Gramaticalidade (TJG).

4.1 Tarefa de Tradução Chinês para Português (TTCP)

Como o tópico é uma estrutura que ocorre ao nível do discurso (Chu, 1998), o questionário foi inserido num texto de três parágrafos. As 20 orações selecionadas dividiram-se em dois grupos: passiva prototípica e não-prototípica, e esta última, ordenada conforme as TCs em chinês, foi subdividida em dois grupos segundo a presença (*cf.* exemplo 6 em cima) ou a ausência do agente (*cf.* exemplo 5 em cima).

Para a quantificação, é contabilizado um ponto para o uso correto da passiva nominal na tradução, mas a presença da preposição “*por*” não se considera obrigatória. Para confirmar a validade do teste, um falante nativo de português com elevada proficiência em mandarim (o nível mais alto do exame HSK, Avaliação de Mandarim Língua Estrangeira), também fez o teste.

4.2 Tarefa de Juízo de Gramaticalidade (TJG)

A TJG está incorporada num diálogo com 48 orações sublinhadas, incluindo 16 orações que funcionam como distratores e 32 orações que se destinaram ao teste da estrutura-alvo. Entre estas, 16 orações (8 corretas e 8 incorretas) coincidiram com a ordenação da passiva não-prototípica chinesa (adiante designada por *Grupo 1*), as outras 16 orações (8 corretas e 8 incorretas) seguiram a ordenação da passiva prototípica chinesa (adiante designada por *Grupo 2*). Todos os distratores agramaticais foram ordenados conforme a construção de TC na voz ativa.

A pontuação segue os critérios abaixo:

- a) Juízo acertado da oração gramaticalmente correta = um ponto;

b) Juízo acertado e respetiva correção da oração gramaticalmente incorreta = um ponto.

5. Perfis dos informantes

Os dados foram recolhidos junto de 24 alunos chineses do 3.º ano de licenciatura, que frequentam o curso de português há cerca de dois anos e meio, com mais de 14 horas semanais de língua portuguesa. Nenhum deles teve a experiência de estudar num país de língua portuguesa e não se verificam diferenças significativas em termos da idade atual (21 a 22 anos), nem da idade de início da aquisição do PL2 (18 a 19 anos).

6. Resultados

6.1 Resultados da TTCP

A Tabela 1 apresenta a percentagem média, os valores mínimo e máximo de correção correta e juízo correto, e o desvio-padrão (DP), considerando 4 condições diferentes. A Tabela 1 mostra como foram traduzidas as orações, apresentando a frequência de uso da passiva adotada pelos informantes na tradução de cada oração:

Tabela 1

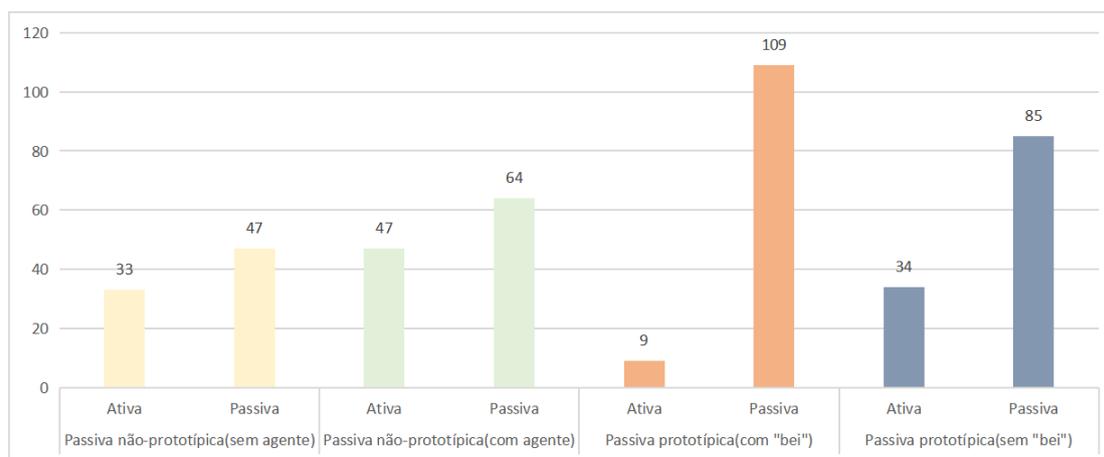
Resultado descritivo da TTCP (N=24)

Grupo	Condição	Média de acerto (%)	Valor mín. (%)	Valor máx. (%)	DP
Passiva não-prototípica (sem agente)	Ativa	27,50	0	60,00	0,80
	Passiva	39,17	0	80,00	1,13
Passiva não-prototípica (com agente)	Ativa	39,17	0	80,00	1,06
	Passiva	53,33	20,00	100	1,14

Passiva prototípica (com “ <i>bei</i> ”)	Ativa	7,50	0	20,00	0,48
	Passiva	90,83	80,00	100	0,50
Passiva prototípica (sem “ <i>bei</i> ”)	Ativa	28,33	0	60,00	0,86
	Passiva	70,83	20,00	100	0,96

Figura 1

Distribuição de formas de tradução dos informantes (N=24)



De acordo com a Figura 1, percebe-se que a tradução das orações da passiva prototípica demonstra uma alta frequência de uso da passiva, e que as orações com marcadores passivos têm maior possibilidade de serem traduzidas em passiva em relação às orações sem marcadores passivos, sendo a média de acerto de 90,83% contra 70,83% ($Z = ,007$; $p = ,001$), e por sua vez, a média de uso da ativa na tradução das orações de passiva prototípica com “*bei*” é de 7,50% contra 28,33% ($Z = ,003$; $p = ,001$) das sem “*bei*”.

Em relação aos resultados da tradução das passivas não-prototípicas, em termos gerais, a frequência do uso da passiva é muito mais baixa. Além disso, a média de uso da ativa na tradução das passivas sem agente representa uma percentagem mais baixa do que as com agente, sendo 27,50% contra 39,17% ($Z = ,019$; $p = ,040$); e a percentagem de uso

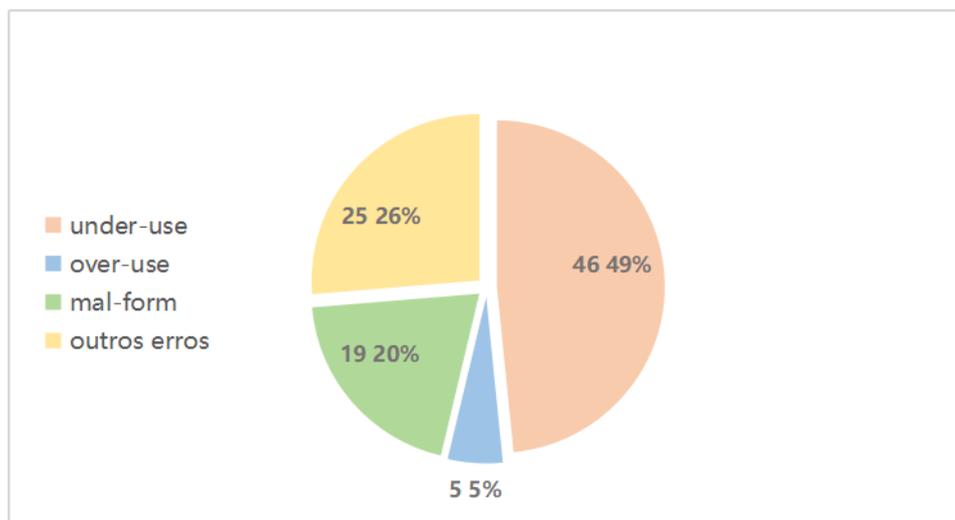
da passiva é de 39,17% contra 53,33% ($Z = ,004$; $p = ,029$).

A partir da tradução dos informantes, verifica-se que a forma mais usada de voz passiva em português é “*ser + pp.*”, e que não foi encontrado nenhum uso da passiva prenominal.

Para encontrar mais evidências da transferência da L1, todos os erros encontrados foram classificados em 4 tipos de erros com base em teorias de transferência propostas por Ellis (1994) e por Odlin (1989), estando a distribuição de cada categoria na Figura 2:

Figura 2

Distribuição dos erros na tarefa de tradução



Em primeiro lugar, temos o *under-use* da voz passiva, em que os informantes usavam a forma ativa para transmitir a significação passiva, o que sucede nomeadamente na tradução das passivas não-prototípicas. Mas também se verificaram diferenças entre o grupo de sem agente e o de com agente, sendo de 39 (31,20%) contra 7 (5,60%), veja-se o exemplo:

7) **A sua casa está a reformar.*

A segunda categoria pertence ao *over-use* da voz passiva, isto é, foi aplicada a voz passiva nas orações em que se deve usar a voz ativa, o que aconteceu em 5 orações produzidas por 4 informantes:

8) **O telefone está a ser tocado.*

A terceira categoria é chamada de *mal-form*, que inclui os erros de forma e estrutura da passiva:

a. Omissão do verbo auxiliar “*ser*”, ocorrida em 10 orações traduzidas por 7 informantes:

9) **A causa do acidente ainda está investigado.*

b. Erros da forma do particípio passado, foram encontrados 9 erros de particípio passado irregular em 9 informantes; não foi encontrado nenhum erro de particípio passado regular:

10) **As obras dele estão a ser expondo na exposição.*

Os outros erros, como por exemplo, os erros de concordância e os erros de sintaxe, foram classificados na categoria de “outros erros”. Na análise dos resultados, foram encontrados 10 erros de concordância nominal, de 9 informantes e 13 erros de concordância verbal na tradução de 12 informantes.

11) **Todas as obras foram criado com base na realidade.*

Também foram encontrados outros erros de sintaxe, como no exemplo seguinte:

12) **Para celebrar ele foi incluído na lista de dez melhores pintores.*

Como o objetivo da tarefa é testar o uso da passiva, e o exemplo acima não possui

erros de forma nem de função da passiva, casos como este foram considerados como um uso correto da passiva.

6.2 Resultados da TJG

Começámos por analisar os resultados gerais da TJG. Para a análise estatística, recorreu-se a testes não paramétricos no programa SPSS versão 23. A Tabela 2 apresenta a percentagem média, os valores mínimo e máximo de correção correta e juízo correto e o desvio-padrão (DP), considerando as 4 condições diferentes:

Tabela 2

Resultado descritivo da TJG (N=24)

Grupo	Condição	Média de acerto (%)	Valor mínimo(%)	Valor máximo(%)	DP
Grupo 1 incorreto	Juízo correto	44,75	0	87,50	1,93
	Correção correta	38,02	0	87,50	2,13
Grupo 1 correto	Juízo correto	98,43	87,50	100	0,27
Grupo 2 incorreto	Juízo correto	59,37	25	87,50	1,39
	Correção correta	38,54	0	75	1,26
Grupo 2 correto	Juízo correto	98,43	12,50	75	1,35
Distratores (Ativa de TC)	Correção correta	12,23 ³	0	31,25	1,86

³ Uma vez que o valor foi muito baixo, foi efetuada uma entrevista aos informantes e descobrimos que, embora as orações lhes parecessem um pouco estranhas, não conseguiam dizer onde é que residia o problema, pelo que as julgaram corretas. A ocorrência deste fenómeno provavelmente tem a ver com o desconhecimento do aspeto sintático no ensino de português, pois as regras gramaticais encontradas nos materiais didáticos abordam pouco as estruturas sintáticas. Por isso, ao analisarem as frases, os aprendentes focam-se mais em segmentos constituintes de cada frase, mas não a veem como um todo, ignorando a estrutura sintática.

Foram aplicados testes não-paramétricos intra-sujeitos Wilcoxon para testar a diferença estatística entre as condições de juízo correto e de correção correta para cada categoria. Os resultados mostram que a diferença entre as taxas de acerto no juízo correto de frases gramaticais e na correção de itens agramaticais é estatisticamente significativa (Grupo 1: $Z = ,008$; $p = ,011$; Grupo 2: $Z = ,008$; $p = ,012$). Além disso, a média de correção correta é geralmente mais baixa do que a média de juízo correto, sendo assim, de 38,02% contra 44,75% ($Z = ,000$; $p = ,000$) no Grupo 1, e de 38,54% contra 59,37% ($Z = ,004$; $p = ,006$) no Grupo 2. A Figura 3 mostra em detalhe os resultados de juízo e correção correta de cada informante:

Figura 3

Resultado descritivo de cada informante na TJG (N=24)



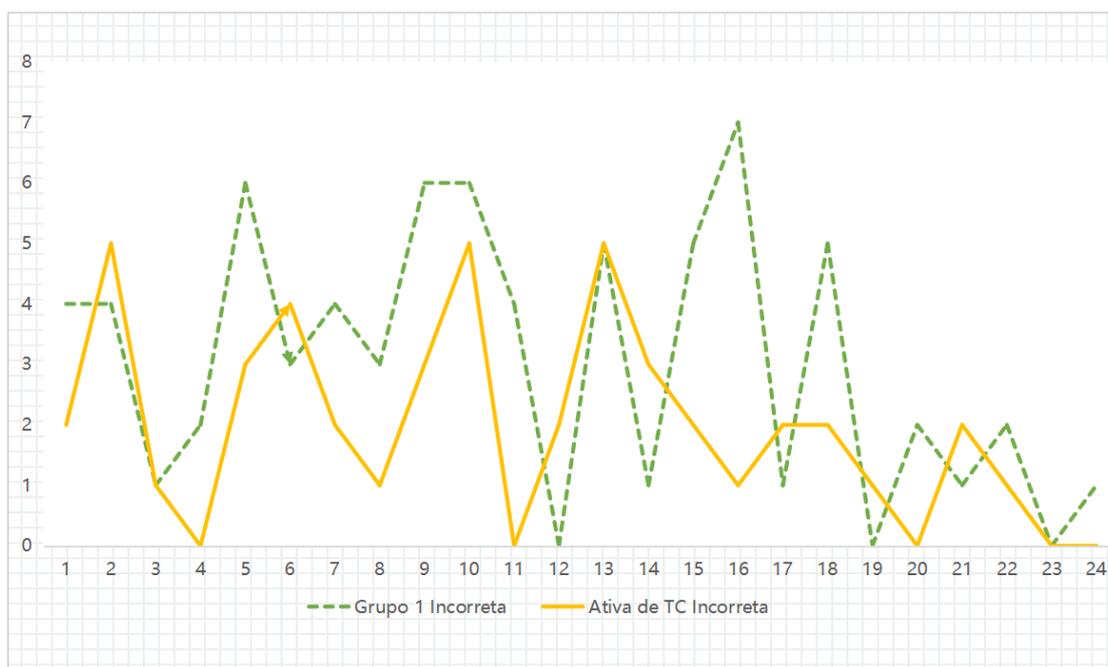
No juízo de gramaticalidade das orações do Grupo 1 apresentadas incorretas, 4 informantes (16,67%) corrigiram mais de 75% do Grupo 1, e 9 informantes (37,5%) dos

participantes conseguiram fazer a correção correta de apenas 1 a 2 orações; 3 informantes (12,50%) não conseguiram fazer a correção correta de nenhuma oração.

A Figura 4 mostra uma comparação entre os resultados do Grupo 1 e os da ativa de TC incorreta (os distratores):

Figura 4

Comparação entre as orações incorretas do Grupo 1 e ativa de TP incorreta de cada informante da TJG (N=24)

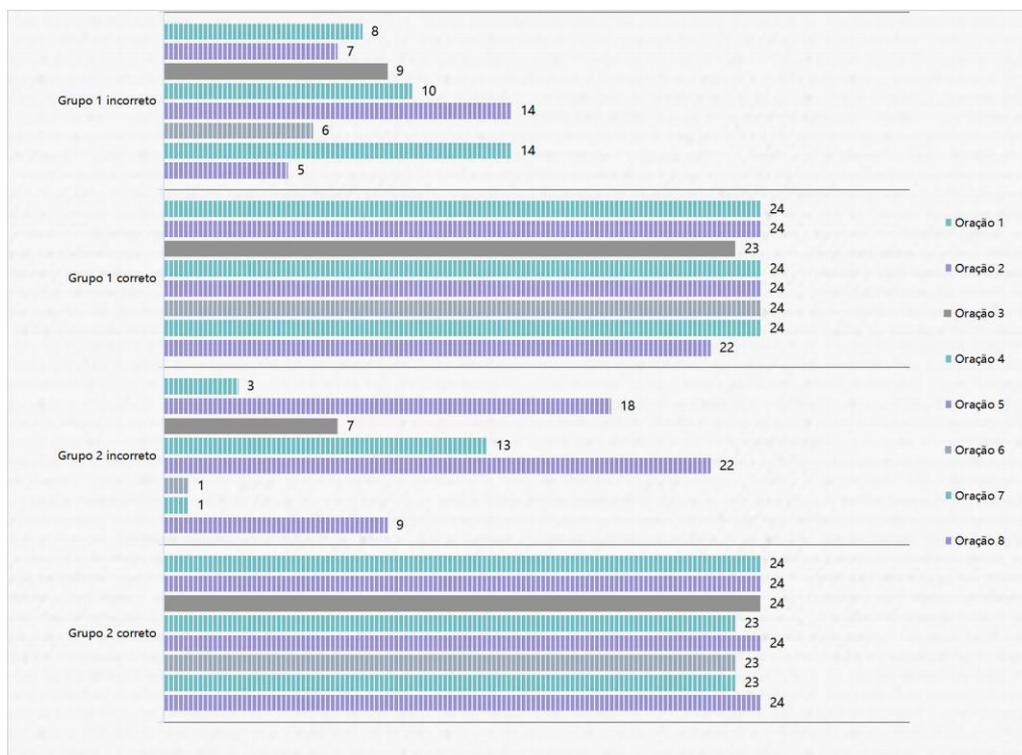


De acordo com a Figura 4, podemos ver que, tal como aconteceu com as orações do Grupo 1 incorretas, as orações de ativa de TC incorretas também não apresentam correções bem-sucedidas, sendo a média de acerto de 12,23% contra a de 38,64% as do Grupo 1.

A Figura 5 apresenta em detalhe os resultados de correção de cada oração:

Figura 5

Resultado descritivo de cada frase da TJG (N=24)



De acordo com a Figura 5, podemos verificar que existem orações em que falharam quase todos os informantes, tais como a oração 6 e 7 do Grupo das passivas nominais. E no Grupo 1, é notável que a oração 6 e 8 suscitam maiores falhas.

Além dos resultados gerais, existem alguns dados significativos a nível individual que merecem a atenção.

Na maioria das vezes, os participantes do Grupo I faziam uma correção inserindo a forma correta de "ser" tal na frase (6):

13) ...*todos os livros ~~devem devolver~~ (devem ser devolvidos) à biblioteca.*

No entanto, também importa referir algumas tentativas de correção diferentes de (6). Houve 3 informantes que fizeram a correção de 4 orações introduzindo o pronome apassivador “se”:

14) ...os vinhos de Portugal ~~dividem~~(dividem-se) em quatro categorias: DOC, IPR, Vinho Regional e Vinho de mesa.

Além disso, as correções que mostraram que os informantes tinham a consciência do uso da passiva, embora se encontrem erros de concordância, também foram consideradas como corretas, por exemplo:

15) *Os vinhos diferentes ~~fazem~~ (são feito) de maneiras diferentes.

Porém, existem também casos em que foi atribuído 0, por exemplo, no exemplo (16), o participante “3” corrigiu a oração adicionando um “sujeito” :

16) *Por que não diz ao professor que o TPC (você) já terminou?*

Na gramática da língua portuguesa, esta frase é aceitável, pois é a construção de topicalização, com o objeto (o TPC) deslocado para a posição de tópico, mas como a correção não afeta a estrutura-alvo, atribuímos 0.

Outra tentativa de correção considerada incorreta foi a tentativa de "correção incompleta", feita por 6 informantes em 7 orações, em que o verbo auxiliar “ser” foi suprimido, apresentando apenas o particípio passado:

17) *Não se preocupe, o problema vai ~~resolver~~(resolvido).

Agora passaremos a analisar os resultados individuais do Grupo 2. Consultando novamente a Tabela 2, podemos ver que os resultados das orações incorretas do Grupo 2 não demonstram grande diferença em relação às orações incorretas do Grupo 1, no

entanto, é de realçar alguma diferença relativamente ao juízo correto, sendo a taxa média de juízo correto de 59,37% contra 44,79%.

A Figura 6 mostra em detalhe os resultados individuais das orações do Grupo 2 de cada informante:

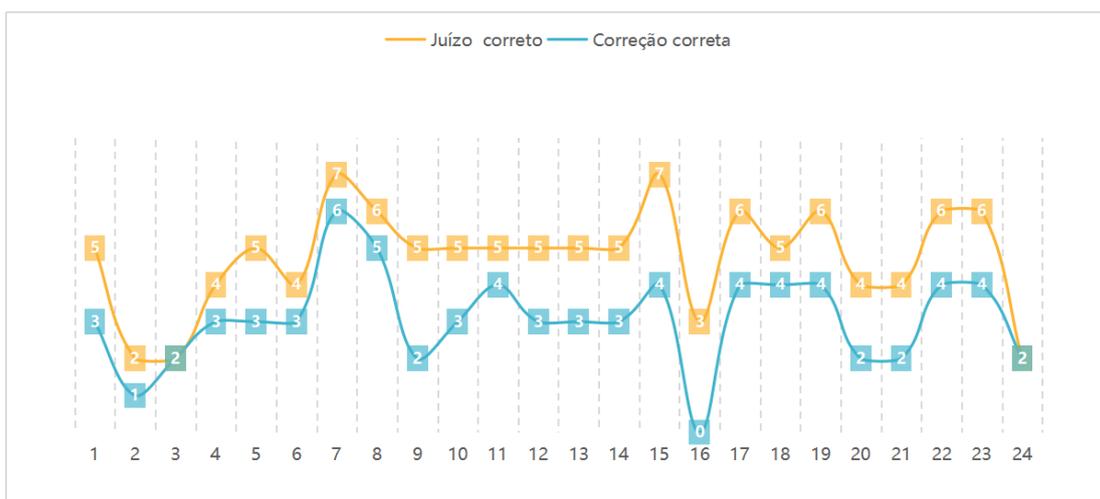


Figura 6. Resultados individuais do Grupo 2 (N=24)

Podemos ver que muitos informantes conseguiram fazer o juízo correto, mas não conseguiram fazer a correção correta, e que a taxa média de acerto é de 59,37% contra 38,50%.

Normalmente, as orações foram corrigidas conforme regras de concordância, no entanto, houve 3 informantes que transformaram a passiva nominal agramatical em ativa de SP correta, veja-se o exemplo seguinte:

18) Neste artigo, é mencionado muitas vezes o vintage e o LVB.—O artigo mencionou muitas vezes o vintage e o LVB.

7. Discussão

Os dados apresentados acima, permitem-nos perceber que a consciência do uso da passiva pode evocar o uso da passiva em português, mesmo em níveis de proficiência baixos: na TJG, os informantes têm a capacidade de julgar a gramaticalidade das orações e de corrigir as orações apresentadas incorretas; e na tarefa de tradução, os informantes também conseguiram, na generalidade, criar orações corretas.

Além da consciência da utilização da passiva, o uso totalmente correto é afetado por vários fatores, por exemplo, o domínio e a prática das regras gramaticais da estrutura da voz passiva, porque a passiva chinesa é menos marcada em relação à passiva portuguesa, pelo que se verificam erros de estrutura nas duas tarefas efetuadas. Por sua vez, também existem outros fatores que merecem destaque, como a presença dos marcadores passivos na língua chinesa. No sentido em que o “*bei*” enfatiza o agente de uma ação, o marcador passivo chinês “*bei*” é semelhante ao agente da passiva em português, por isso, os informantes presumiram que o seu papel era um indicador relevante para o uso de passiva em português, ocorrendo, nesse caso, a transferência positiva.

Outro fator consiste na transferência da construção de TC da L1. É de admitir que, na tarefa de tradução, o nível de proficiência dos informantes ainda não lhe permite pensar em português, portanto, recorrem mais à forma de pensar e de falar em chinês. Face às construções de TC em chinês ou aos seus equivalentes em português, a intenção de topicalização faz com que a consciência de passividade deixe de ser ativada, o que resulta na tradução literal do que foi apresentado apoiado na lógica de topicalização, por isso, o

significado passivo foi transmitido com sucesso, apesar de não se verificar apassivação. Portanto na TJG, as orações incorretas do Grupo 1 também soam bem para eles. Igualmente, na tarefa de tradução das orações não-prototípicas, a ausência do marcador passivo chinês “*bei*” deixa incógnito o argumento do agente. Tudo isto indica que foi no processo de compreensão que ocorreu a transferência negativa. Os informantes estavam a capturar as informações semânticas com o seu prévio conhecimento da construção de TC em chinês, por isso, mostraram uma tendência, de forma inconsciente, de ver o SN inicial de uma oração como um tópico, e não como um argumento do verbo predicado, facto pelo qual a estrutura sintática da oração ficou aceitável para eles, não provocando problemas semânticos.

Em suma, a correspondência da ordem dos elementos das orações à construção TC em chinês e a ausência do marcador passivo “*bei*” podem resultar em transferência negativa da L1.

Além dos fatores acima listados, a presença ou a ausência do agente nas passivas não-prototípicas também podem resultar em respostas bem diferentes. Na verdade, de acordo com Li (2013), a passiva não-prototípica também é uma forma de oração de construção S-P predicado, que é um fenómeno muito comum em chinês:

19) *Shìgu de yuanyin jǐngchá hái zài diàochá.*

Causa do acidente polícia ainda estar a investigar.

(objeto preposto) (sujeito) (verbo predicado)

O SN na posição inicial da oração “Causa do acidente”, na verdade, é um argumento do verbo predicado, só que foi preposto na posição inicial, construindo uma relação

paciente—agente—ação. Esta estrutura também é possível em português, tratando-se de uma oração de tópico deslocado à esquerda sem clítico (Duarte, 2013b), por isso, uma parte dos informantes traduziram a oração em “*A causa do acidente, a polícia ainda está a investigar*”. No entanto, também houve uma parte dos alunos que acharam que, em português padrão, o objeto não pode ser preposto na posição inicial de uma frase, passando assim as orações na forma ativa para a ordem padrão SVO: “*A polícia ainda está a investigar a causa do acidente*”. Finalmente, outra forma da construção S-P predicado é a presença implícita de locuções prepositivas como “*em relação a..., quanto a...*” antes do “*sujeito principal*”, facto pelo qual também se encontram orações como “*Em relação à causa do acidente, a polícia ainda está a investigar*”.

8. Conclusão

Com base nos dados recolhidos, este trabalho fornece evidências experimentais para a transferência da L1 na aquisição da passiva portuguesa. Primeiro, verifica-se transferência negativa em termos da estrutura e da sintaxe, que se destaca na omissão do verbo auxiliar “*ser*” e na influência da construção de tópico-comentário chinês, formando assim erros interlinguísticos resultantes da L1.

Além das transferências negativas, também se verificam transferências positivas, os marcadores passivos chineses como “*bei*” constituem um indicador relevante na aplicação da passiva portuguesa, mas a presença dos marcadores passivos não necessariamente leva ao uso da passiva portuguesa, porque muitos outros fatores também estão envolvidos no uso da passiva portuguesa, como por exemplo, a presença ou ausência do agente e os

hábitos de expressão em termos sintáticos.

Assumimos que também existem alguns aspetos que merecem estudos sistemáticos. Em pesquisas futuras, valeria a pena verificar como é que as orações na passiva chinesa podem ser traduzidas em português. Além disso, também seria interessante investigar se a posição da estrutura-alvo, embutidos numa oração complexa ou numa oração simples, pode afetar o uso correto da passiva em português.

De acordo com Oliveira (2004), em gramáticas normativas, não são bem especificadas as funções da passiva portuguesa, o que levanta problemas para os aprendentes chineses, incluindo para aqueles que têm um bom domínio da estrutura da passiva, por isso, importa realçar que ensinar a passiva não é apenas ensinar a estrutura, mas também o desenvolvimento da consciência e da sensibilidade às funções da língua-alvo.

Referências Bibliográficas

- Camacho, R. G. (2003). Em defesa da categoria de voz média no português. *D.E.L.T.A.*, 19(1), 91-122. São Paulo: EDUC. <https://doi.org/10.1590/s0102-44502003000100004>
- Chu, C. C. (1998). *A Discourse Grammar of Mandarin Chinese*. New York: Peter Lang Publishing.
- Duarte, I. (2003). Relações Gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte & I. H. Faria (eds.), *Gramática da Língua Portuguesa*, 275-322. Lisboa: Caminho. <https://edisciplinas.usp.br/>
- Duarte, I. (2013a). Construções Ativas, Passivas, Incoativas e Médias. In E. B. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura & A. Mendes (eds.), *Gramática do Português*, 429-447. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Duarte, I. (2013b). Construções de Topicalização. In E. B. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A.

C. Mota, L. Segura & A. Mendes (eds.), *Gramática do Português*, 399-426. Lisboa: Fundação

Calouste Gulbenkian.

Ellis, R. (1986). *Understanding Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press.

Ellis, R. (1994). *The Study of Second Language Acquisition*. Oxford, UK: Oxford University Press.

<https://doi.org/10.5070/1461005209>

Frutado da Cunha, M. A. (2000). A Complexidade da Passiva e as Implicações Pedagógicas do Seu

Uso. *Linguagem & Ensino*, 3(1), 107-116. <http://www.leffa.pro.br/>

Han, Z. H. (2000). Persistence of The Implicit Influence of NL: The Case of The Pseudo-passive.

Applied Linguistics, 21(1), 78-105. <https://doi.org/10.1093/applin/21.1.78>

Hawad, H. F. (2004). A Voz Verbal e o Fluxo Informacional do Texto. *D.E.L.T.A.*, 20, 97-121.

<https://doi.org/10.1590/s0102-44502004000100005>

James, C. (1998). *Error in Language Learning and Use: Exploring Error and Analysis*. London: Routledge.

<https://doi.org/10.4324/9781315842912>

Lado, R. (1957). *Linguistics Across Cultures: Applied Linguistics for Language Teachers*. Ann Arbor:

University of Michigan Press.

Li, C., & Thompson, S. (1976). Subject and Topic: A New Typology of Language. In C. N. Li. (ed.),

Subject and Topic, 457-489. New York: Academic Press. <https://www.researchgate.net/>

Li, R. L. (2013). Objeto Preposto. *Chinese Linguistics*, 4. Wuhan: Central China Normal

University. [李如龙. (2013). 关于宾语前置[J]. *汉语学报*. 武汉: 华中师范大学.]

<http://www.cnki.net>

- Li, Z. J., & Zhang, H. R. (2015). Observações sobre Diferenças Estilísticas das Construções de Tópico. *Nankai Linguistics*, 25. Tianjing: Nankai University. [李宗江, 张慧如. (2015). 关于主题句语体差异的考察. *南开语言学刊*. 天津: 南开大学.] <http://www.cnki.net>
- Lu, J. M. (2003). *Gramática do Mandarim Moderno*. Beijing: Peking University Press. [陆俭明. (2003). *现代汉语语法研究教程*. 北京: 北京大学出版社.]
- Lu, J. M. (2004). Questões sobre a Passiva em Mandarim. *Chinese Linguistics*, 2, 9-15. Wuhan: Central China Normal University. [陆俭明. (2004). 有关被动句的几个问题. *汉语学报*. 武汉: 华中师范大学.] <http://www.cnki.net>
- McEnery, A. M. & Xiao, R. Z. (2005). Passive constructions in English and Chinese: A Corpus-Based Contrastive Study. *Proceedings from the Corpus Linguistics Conference Series*, 1 (1). <https://eprints.lancs.ac.uk/id/eprint/63>
- Odlin, T. (1989). *Language Transfer—Cross-linguistic Influence in Language Learning*. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/cbo9781139524537>
- Oliveira, L. A. (2004). O Ensino Pragmático da Voz Passiva. *Calidoscópio*, 2(1), 49-54. <http://revistas.unisinos.br/>
- Selinker, L. (1969). Language Transfer. *General Linguistics*, 9, 67-92.
- Shi, D. X. (2000). Topic and Topic-Comment Constructions in Mandarin Chinese. *Language*, 76(2), 383-408. <https://doi.org/10.2307/417661>
- Wang, Z. J. (2004). *A Cognitive Contrastive Study of English and Chinese Passives*. Shanghai: Shanghai Foreign Language Education Press. <http://www.cnki.net>
- Xiong, X. L. (2003). *New perspectives of linguistics*. Shanghai: Fudan University Press. [熊学亮. (2003). *语言学新解*. 上海: 复旦大学出版社.] <https://max.book118.com/>

Xu, T. Q. (2001). *Foundations of linguistics: A course book*. Beijing: Beijing University Press. [徐通锵.

(2001). *基础语言学教程*. 北京: 北京大学出版社.]

Ye, Z. L. (2010). *Português para ensino universitário 2*. Beijing: Foreign Language Teaching and Research Press.